

QUE NUNCA MAIS CESSE ESSE DILÚVIO DE HISTÓRIA DE MULHERES

Resenha

SOLNIT, Rebbeca. **De quem é essa História? Feminismos para tempos atuais.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Jessyka Lopes Rickli¹

Rebbeca Solnit inicia seu livro intitulado, *De quem é essa História? Feminismos para tempos atuais*, dizendo: “Estamos construindo algo imenso juntos” (SOLNIT, 2020, p.7). É nesse seguimento que ela desenvolve seus ensaios em uma discussão sobre gênero, raça, classe, poder, clima, história, sexualidade e natureza, enfatizando as desigualdades de gênero vivenciadas pelas mulheres e a importância do feminismo em todas as esferas da sociedade. A autora presenteia seus leitores com sentimentos reconfortantes de esperança, mas também nos oferece sensações de indignação e revolta.

A obra, *De quem é essa História? Feminismos para tempos atuais*, é dividida em duas partes. A primeira é titulada “Os que gritam e as que são silenciadas”, contendo treze ensaios que apresentam o cenário dos Estados Unidos, cenário esse existente em todo mundo, em que mulheres vivenciam situações de violência, abuso, assédio, desigualdade, preconceitos e discriminações. A segunda parte do livro é denominada “Aberturas”; ela é composta por seis ensaios, os quais abordam as mudanças que ocorreram e estão ocorrendo no cerne da sociedade, demonstrando que a história das mulheres começou a ser contada.

Nascida e criada na Califórnia, Rebeca Solnit é escritora, historiadora e ativista, atuando como colunista do jornal *The Guardian* e colaboradora do portal *Literary Hub*. É autora de *Os homens explicam tudo para mim* (SOLNIT, 2017) e *A mãe de todas as perguntas* (SOLNIT, 2017), além de mais de quinze livros sobre feminismo, história

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário, Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), faz parte do Centro Interdisciplinar de Estudos de Gênero - CIEG. Possui graduação em Psicologia pela Faculdade Guairacá - FAG, Especialista em Gestão Pública com Ênfase no Sistema Único de Assistência Social - UEPG Atua como Psicóloga efetiva no Centro de Referência de Assistência Social - CRAS - Turvo PR. Interesse de pesquisa são, Estudos de Gênero, Feminismo Popular, Políticas Sociais, Desenvolvimento Comunitário e Psicanálise.

indígena e ocidental, poder popular, mudança social, insurreição e outros temas contemporâneos.

Os ensaios produzidos por Rebecca Solnit possuem um feminismo de fácil acesso atingindo um número maior de pessoas. Sua linguagem permite que o/a leitor/a sinta que está conversando com a autora, suas obras mostrando temas que se complementam e se aprofundam, afirmando diversas vezes que as relações de poder estabelecidas na sociedade acarretam desigualdades de gênero.

Os trabalhos produzidos por Solnit se assemelham, de algum modo, com as *Ms. Magazine*, revistas presentes em bancas de jornais, que procuravam trazer o feminismo para mais perto das mulheres. Pensando nesse feminismo popular, Farreal (2004) em seu livro, *A Ms. Magazine e a promessa do feminismo popular*, apresenta um feminismo em que o acesso é feito pelas bancas de jornais, ao lado das revistas femininas, contudo, ele tem por objetivo não trazer receitas de bolos, e modelos perfeitas, mas sim, apresentar assuntos como, igualdade de direitos, violência, padrões de beleza, dentre outras temáticas de gênero. Dessa forma, procura proporcionar para a população uma discussão feminista com leitura mais acessível e ampla circulação, possibilitando que o tema transite e atinja um maior número de leitoras.

Podemos com isso afirmar que Rebecca Solnit aproxima-se de um feminismo popularizado, vez que em suas obras destaca como seu principal objetivo a necessidade de “enxergar a mudança e compreender de que modo ela funciona, como e onde cada um de nós tem poder dentro dela” (SOLNIT, 2020, p.10). É seguindo por esse movimento de transformações que Solnit coloca algumas questões: Qual história é ouvida? A quem é dada a credibilidade de ser ouvida? As desigualdades de gênero enraizadas em nossa sociedade têm silenciado a história das mulheres? (SOLNIT, 2020).

O silêncio é vivenciado por diversos sujeitos presentes na sociedade como mulheres, negros, LGBTQI+, dentre outros grupos que se encontram em situações de vulnerabilidade social. Solnit (2017), em seu livro, *A mãe de todas as perguntas*, oferece um ensaio titulado, “Uma breve história do silêncio”, no qual articula como o silêncio é um repressor de alguns sujeitos entendidos como subalternizados.

Contudo, a autora enfatiza principalmente o atravessamento do silêncio na vida das mulheres: “[...] a história do silêncio é central na história das mulheres” (SOLNIT, 2017, p. 28). Ou seja, o silenciamento das mulheres tem sido um mecanismo altamente repressor, intensificando as desigualdades de gênero, como também, limitando as ações das mulheres enquanto sujeito de direitos.

O silêncio na vida das mulheres ultrapassa o marco de poder falar, pois, mesmo que essas mulheres falem, muitas delas ainda não são ouvidas, não são ouvidas quando relatam estarem sofrendo violência doméstica, ou ainda, quando denunciam que estão sendo assediadas; as palavras proferidas pelas mulheres em vários momentos são colocadas em descrédito.. De acordo com a autora, “[...] podemos considerar a história dos direitos e a falta de direitos das mulheres como uma história do silêncio e do rompimento do silêncio” (SOLNIT, 2017 p. 30).

Em sua obra, *De quem é essa História? Feminismos para tempos atuais*, Solnit (2020) acaba por aprofundar a discussão sobre o silenciamento das mulheres, nos apresentando a seguinte questão: “De quem é a história que nos foi contada?” De acordo com a autora, algumas pessoas tem o poder da palavra, são legitimadas e ouvidas e, com isso, são responsáveis pelas regulações sociais, principalmente no que diz respeito aos corpos e a vida das mulheres. Dessa forma, a história que nos foi contada pertence às pessoas brancas, em geral, homens brancos, principalmente homens brancos heterossexuais e protestantes.

No entanto, como destacado pela autora, essa história tem se modificado, o silêncio tem sido rompido e grandes estruturas começam a refletir a mudança, deslocando-se de suas posições ditas inatingíveis. Os movimentos coletivos são partes fundamentais dessa transformação, destacando-se, dentre eles: “*Occupy Wall Street*”, “*Idle No More*”, “*Black Lives Matter*”, “*#MeToo*”, e também os movimentos de imigrantes e de pessoas trans, tendo poder expressivo também os movimentos voltados para o problema das mudanças climáticas. É diante dessas mudanças e da aquisição de direitos conquistados, principalmente pelas mulheres, que pudemos ver um onda de intolerância conservadora intensificada por uma parcela de homens que, por sua vez, é liderada por outros homens brancos poderosos, os quais legitimam o preconceito e a desigualdade.

Um exemplo exposto pela autora refere-se ao movimento *#Metoo*. Antes da emergência desses movimentos, muitas mulheres já haviam declarado os assédios que sofriam em seus espaços de trabalho, contudo foi em um movimento coletivo que essas mulheres foram ouvidas. Porém, apesar das evidências existentes sobre os assédios sofridos pelas mulheres, esses homens reagiram de maneira a negar veemente os acontecidos, como se apenas sua palavra bastasse; a eles é dado o poder da credibilidade (SOLNIT, 2020).

Quando o poder do conhecimento e da credibilidade é dado aos homens, as mulheres sofrem novamente o processo de silenciamento. Um exemplo refere-se aos

casos de violência contra mulheres: para que as denúncias sejam realizadas pelas mulheres, muito de suas vidas é posto à prova, como a roupa que usavam, o possível uso de bebidas alcoólicas, a maneira como são vistas pela sociedade, dentre outros fatores que levam à culpabilização da vítima.

No ensaio intitulado, “A exclusão dos eleitores começa em casa”, Solnit apresenta mais maneiras pelas quais as mulheres são silenciadas. Nas eleições presidenciais de 2018, por exemplo, o voto pelo correio era uma realidade na família de vários estadunidenses, sendo que várias mulheres não possuíam a liberdade de escolha de seu candidato, pois, como aponta Solnit, a escolha era feita na mesa da cozinha. Ademais, ela relata várias situações em que mulheres sofreram agressões por votarem em candidatos que seus companheiros não apoiavam.

O direito ao voto é uma conquista importantíssima a ser lembrada, entretanto, a legitimação da mulher enquanto uma propriedade do homem, no qual ele exerce o poder sobre suas escolhas, pode ser um determinante da escolha dos que ocupam os cargos mais poderosos do mundo.

Dando continuidade à problemática acerca do silenciamento das mulheres, a autora apresenta a discussão sobre o aborto e as mentiras contadas a fim de obter o controle sobre os corpos das mulheres, e esse controle não apenas sobre os direitos reprodutivos, como também sobre a expressão de sua sexualidade, entendida ainda pelos homens como propriedade masculina (SOLNIT, 2020).

Após dissertar sobre os silenciamentos vivenciados pelas mulheres, Rebecca Solnit apresenta um ensaio com um título expressivo que resume o restante de sua obra: “Que nunca mais cesse esse dilúvio de história de mulheres”. Apesar dos abusos e silenciamentos sofridos pelas mulheres, a autora nos mostra a avalanche de mudanças que vêm ocorrendo, as denúncias, as vozes sendo ouvidas e a história das mulheres sendo contada (SOLNIT, 2020).

É nesse ponto que a autora inicia a segunda parte de seu livro, “Aberturas”. De acordo com ela, nós, mulheres, estamos abrindo espaços, atravessando de um lugar para o outro, ultrapassando limites, redesenhando a história que nos foi contada, tomando as cidades que nos foram proibidas, reivindicando nosso lugar e assim, conquistando a representatividade necessária para as próximas gerações de meninas, adolescentes e mulheres.

Contudo, Rebecca Solnit enfatiza que as mudanças e transformações necessitam ser coletivas. Existem algumas figuras que se destacam, entretanto, elas não são

nada sem o movimento no qual pertencem, portanto a esteira das mudanças em que estamos precisa ser de lutas coletivas, que envolvem transformações para além das desigualdades do gênero. Implicam também as necessidades emergentes apontadas pelo movimento em torno das questões climáticas, movimento este que hoje tem como uma de suas figuras mais importantes Greta Thunberg, uma jovem menina, engajada em um movimento coletivo voltado na direção dessas transformações (SOLNIT, 2020).

Rebecca Solnit, em seus ensaios, nos oferece uma leitura agradável, crítica e enfática sobre os silenciamentos vivenciados pelas mulheres em nossa sociedade, os quais são historicamente legitimados. Porém, a autora, em um tom de esperança, nos mostra a importância dos movimentos feministas, atuando entre tantos outros para as transformações dessa história. O livro, *De quem é essa história? Feminismos para tempos atuais*, retrata nuances bastante pertinentes sobre o feminismo, com um material acessível até mesmo para quem não possui conhecimento sobre o tema. Rebecca Solnit nos proporciona um feminismo popularizado, que afirma inúmeras vezes as desigualdades vivenciadas pelas mulheres e a necessidade de movimentos coletivos para erradicá-las.

REFERÊNCIAS

FARRELL, Amy Erdman. *A Ms. Magazine e a promessa do feminismo popular*. 1º ed. São Paulo: Editora Barracuda, 2004.

SOLNIT, Rebecca. *A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre os novos feminismos*. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SOLNIT, Rebecca. *De quem é essa história: Feminismos para os tempos atuais*. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.